

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

Área Temática: negociações internacionais

Período de Análise: 01/08/2016 a 31/08/2016

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Site eletrônico do MDS
Site eletrônico do MDA
Site Eletrônico do MMA
Site eletrônico do INCRA
Site eletrônico da CONAB
Site eletrônico do MAPA
Site eletrônico da Agência Carta Maior
Site Eletrônico da Fetraf
Site Eletrônico da MST
Site Eletrônico da Contag
Site Eletrônico da CNA
Site Eletrônico da CPT
Carta Capital

Estagiária: Ananda da Silveira.

Índice:

Inscrições de empresários para missão oficial à Ásia são prorrogadas até quarta. – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 01/08/2016.....	4
Mapa prepara medidas para importar milho dos Estados Unidos. - Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 02/08/2016.....	5
Blairo Maggi se reúne nesta quinta (4), em Buenos Aires, com o ministro de Agroindústria da Argentina. - Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 03/08/2016.....	5
No melhor resultado comercial de julho em dez anos, 15 produtos do agronegócio respondem por 40% das exportações totais. – Site da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária no Brasil (CNA). 03/08/2016	6
Blairo vai liderar missão de 22 dias à Ásia. Cristiano Zaia e Fábio Graner – Site do Valor Econômico. 04/08/2016.....	7
CNA defende maior acesso a mercados internacionais por meio de acordos bilaterais de comércio. – Site da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). 04/08/2016.....	10
Brasil e Argentina anunciam intenção de trabalhar juntos para aumentar exportações. – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 05/08/2016.....	11
Aporte de fundos de venture capital em startups agrícolas recua. Bettina Barros – Site do Valor Econômico. 08/08/2016	12
Exportações do agronegócio somam US\$ 52,8 bilhões no acumulado do ano. – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 08/08/2016	13
Com tarifas de importação acima de 400%, Japão dificulta exportações brasileiras de produtos agroindustriais. – Site da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). 08/08/2016	14
CRA cambial avança no Senado e inclui opção a investidor brasileiro. Cristiano Zaia – Site do Valor Econômico. 10/08/2016	16
Blairo recebe proposta para atrair recursos internacionais para financiar a conservação em propriedades. – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 11/08/2016.....	18
Presidente da CNA recebe o futuro embaixador do Brasil na Argentina e analisa o Mercosul. – Site da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil. 12/08/2016.....	19
Seminário na CNA debate vazio sanitário da soja para manejo da ferrugem asiática. – Site da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). 12/08/2016	19
UE ameaça barrar importação de cítricos do País. Gustavo Porto – Site O Estado de São Paulo. 17/08/2016.....	21
Presidente do Grupo Agrocere afirma liderança do Brasil no agro mundial. – Site da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG). 17/08/2016	22
Blairo recebe proposta para atrair recursos internacionais à conservação nas fazendas. – Site da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG). 17/08/2016	23

Cofco assume 100% da Nidera e amplia operações agrícolas. Fernando Lopes e Bettina Barros – Site O Valor Econômico. 24/08/2016	24
Brasil, Argentina e Uruguai querem maior valor agregado nas exportações. – Site da Confederação da Agricultura e Pecuária no Brasil (CNA). 28/08/2016.....	25
Basf aposta em startups agrícolas na América Latina. Bettina Barros – Site Valor Econômico. 29/08/2016.....	26

Inscrições de empresários para missão oficial à Ásia são prorrogadas até quarta. – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 01/08/2016

As inscrições de empresas e instituições representativas do agronegócio para missão oficial do governo brasileiro à Ásia foram prorrogadas até a próxima quarta-feira (3). A viagem está sendo organizada pelo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) e Ministério das Relações Exteriores (MRE). A delegação será chefiada pelo ministro Blairo Maggi.

A visita ocorrerá de 6 a 21 de setembro. A região é prioritária para o mercado agrícola mundial e uma das principais origens de investimentos internacionais no setor. O crescimento econômico asiático, a taxa de urbanização e o conseqüente aumento da demanda por alimentos, fibras e energia estão acima da média global, o que reforça a importância da missão organizada pelo governo brasileiro.

A missão terá agenda em Seul (Coreia do Sul), Hong Kong e Chongqing (China), onde serão realizadas rodadas de negócios. Também haverá compromissos em Bangkok (Tailândia), Yangon (Myanmar), Hanói (Vietnã), Kuala Lumpur (Malásia) e Nova Déli (Índia).

A programação da viagem prevê seminários, diálogos empresariais, visitas técnicas e rodadas de negócio com importadores e investidores locais. Os custos com passagens aéreas, hospedagem, alimentação, taxas consulares e outras despesas são de responsabilidade das empresas e entidades participantes, assim como as providências para obtenção de vistos e a escolha dos voos que melhor se adequem às suas necessidades, no decorrer da missão.

Há formulários específicos para empresas e para instituições representativas se inscreverem. Os interessados devem responder, por exemplo, que produtos pretendem exportar e se já têm representante, distribuidor, agente, escritório ou joint venture nos países onde ocorrerão os encontros. Quem for em busca de recursos também deve informar que tipo de investimento pretende captar.

A seleção levará em conta o grau de maturidade exportadora e a adequação do portfólio de produtos oferecidos pela empresa aos mercados de destino da missão, entre outros

critérios. Para participação nas rodadas de negócio na China e na Coreia do Sul é necessário que a empresa já seja habilitada a exportar seus produtos para esses países.

Mapa prepara medidas para importar milho dos Estados Unidos. - Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 02/08/2016

O secretário de Política Agrícola, Neri Geller, se reuniu nesta terça-feira (2) com técnicos do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) para detalhar e alinhar todas as medidas necessárias à importação de milho geneticamente modificado dos Estados Unidos.

O ministro Blairo Maggi está empenhado em atender o pedido dos industriais e quer garantir o abastecimento do grão no país, exclusivamente para ração animal usadas pelos criadores de aves e suínos e produtores de leite, até dezembro de 2017.

O Mapa vai encaminhar o pedido para avaliação e aprovação da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) e garantirá toda segurança e fiscalização necessária para que a importação do produto atenda às necessidades do setor.

Blairo Maggi se reúne nesta quinta (4), em Buenos Aires, com o ministro de Agroindústria da Argentina. - Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 03/08/2016

O ministro Blairo Maggi (Agricultura, Pecuária e Abastecimento) viaja nesta quinta-feira (4) a Buenos Aires para cumprir sua primeira missão oficial à Argentina. Às 12h, ele tem reunião com o ministro da Agroindústria daquele país, Ricardo Buryaile, para tratar de assuntos de interesse dos dois países no setor agrícola. Às 13h30, participa de almoço de trabalho com Buryaile.

A agenda de Blairo Maggi também prevê um encontro, às 15h30, no Palácio San Martín, com o presidente da Sociedade Rural Argentina, Luis Miguel Etchevehere, com

especialistas argentinos em política internacional agropecuária e com representantes de filiais de empresas brasileiras ligadas ao agronegócio.

O secretário substituto de Relações Internacionais do Agronegócio do Mapa, Odilson Ribeiro e Silva, o chefe de gabinete do ministro, Coaraci Castilho, e o adido agrícola da Argentina no Brasil, Javier Gustavo Dufourquet, acompanham Blairo Maggi em sua agenda de trabalho.

O retorno da missão à Argentina está previsto ainda para esta quinta-feira.

No melhor resultado comercial de julho em dez anos, 15 produtos do agronegócio respondem por 40% das exportações totais. – Site da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária no Brasil (CNA). 03/08/2016

Dados divulgados pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MICS) mostram que o saldo comercial de julho passado foi o maior para esse mês desde 2006. O superávit de US\$ 4,58 bilhões superou o de julho de 2015 em US\$ 2,19 bilhões, representando um crescimento de 91,8%. Desde o início da série histórica, em 1997, esse é o terceiro maior superávit para o mês, sendo inferior apenas aos saldos comerciais de 2005 (US\$ 5,0 bilhões) e de 2006 (US\$ 5,7 bilhões).

Esse superávit esconde, todavia, reduções de 11,9% nos valores de exportação e de 27,2% nos valores de importação, em relação a julho de 2015. No total, as vendas externas brasileiras chegaram a US\$ 16,33 bilhões no último mês, enquanto as importações atingiram US\$ 11,75 bilhões – o menor valor desde 2009. Essas reduções ocorreram por conta da queda no comércio tanto de produtos industriais quanto do agronegócio.

Os 15 produtos do agronegócio brasileiro mais exportados atingiram US\$ 6,5 bilhões em vendas no último mês, 39,9% do total, revela a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Esse número foi 15,1% inferior ao do mesmo período de 2015. Entre as principais mercadorias do setor, cresceram as exportações de açúcar refinado (52,7%, atingindo US\$ 200 milhões), açúcar em bruto (44,6%, ou US\$ 863 milhões), fumo em

folhas (7,3%, US\$ 192 milhões), etanol (5%, US\$ 105 milhões) e madeira serrada (4,9%, US\$ 43 milhões). Por outro lado, as importações de alimentos e bebidas destinados à indústria e ao consumo cresceram 11,1% entre julho de 2015 e julho de 2016, mas seu valor total foi de apenas US\$ 851 milhões no mês passado.

A redução nas exportações do agronegócio não significa, todavia, que o setor esteja perdendo sua vocação exportadora. No acumulado do ano (janeiro a julho), as vendas externas dos quinze principais produtos do agronegócio atingiram US\$ 43,2 bilhões, 2,7% superiores às do mesmo período de 2015. Das 15 principais cadeias, oito apresentaram crescimento nas exportações e sete apresentaram retração. Dentre os setores cujas vendas retraíram, destacam-se os de café em grão e couros e peles. No caso do café em grãos, essa redução é motivada pela redução na produção de 2016. Já o setor de couros e peles ampliou a quantidade de material embarcado para o exterior, mesmo com diminuição no valor exportado. Este desempenho pode ser justificado por três fatores: variação na produção interna, fatores conjunturais e, ainda, a alteração no período de vendas de certos produtos.

A soja em grãos é um bom exemplo desse último processo. Principal produto da pauta exportadora brasileira, suas vendas externas atingiram US\$ 2,43 bilhões em julho de 2016, uma queda de 24,8% em relação às exportações de julho do ano passado. Apesar disso, no acumulado do ano, produtores brasileiros de soja já arrecadaram US\$ 16,32 bilhões com as vendas do produto a clientes estrangeiros, 3,5% a mais que nos primeiros sete meses de 2015. Essa situação ocorre porque, entre outubro e dezembro de 2015, um crescimento nos valores internos do produto ampliou seus contratos futuros e, assim, levou a uma antecipação nas vendas da commodity neste ano.

No gráfico abaixo, é possível notar que as exportações dos 15 principais produtos do agronegócio estiveram superiores aos do ano passado, principalmente nos meses de março, abril, maio e junho. Ainda que essa diferença tenha se reduzido em julho, as exportações do top 15 se mantêm superiores às de 2015.

Blairo vai liderar missão de 22 dias à Ásia. Cristiano Zaia e Fábio Graner – Site do Valor Econômico. 04/08/2016

Depois de ratificar o acordo que definiu a abertura do comércio bilateral de carne bovina in natura com os Estados Unidos, o ministro da Agricultura, Blairo Maggi, vai liderar em setembro uma missão, reforçada por empresários, que fará um tour de 22 dias por sete países da Ásia para tentar abrir ou consolidar mercados para produtos do agronegócio brasileiro.

Mesmo que a maior parte dos encontros não renda negócios imediatos, o governo espera concluir, durante a viagem, as negociações que têm por objetivo abrir a Coreia do Sul para a carne suína do Brasil. Estima-se que as exportações do produto ao país podem render US\$ 108 milhões por ano.

Essa nova corrida por novos mercados acontece em um momento de valorização do real em relação ao dólar, o que o ministro considera preocupante para o agronegócio nacional - ainda que este seja, segundo ele, um "problema administrável", pelo menos por enquanto. Em entrevista ao Valor, Blairo considerou que problema mesmo será se o dólar cair abaixo de R\$ 3, o que espremerá as margens de lucro das empresas exportadoras.

Para tentar diluir esses reflexos negativos, Blairo realça que o ministério trabalha para reduzir a burocracia exigida das companhias brasileiras. Ele reafirmou o compromisso de revisar e eliminar cerca de 300 normas e processos internos do ministério que criam custos desnecessários e tornam o setor agropecuário nacional menos competitivo - o que, segundo ele, pode gerar economia de R\$ 1 bilhão em dez anos.

Além da busca de maior competitividade por meio da redução de burocracias, Blairo destacou ser necessário rever a postura brasileira - "pouco agressiva", em sua opinião - no comércio internacional. Ele avaliou que há muita passividade do país, que precisa se esforçar para vender mais em vez de esperar que alguém resolva comprar os produtos nacionais.

A viagem para a Ásia não deixa de reforçar essa visão. O ministro reiterou o plano de ampliar de 7% para 10% a participação do Brasil no mercado mundial de produtos agropecuários, mas para isso defendeu uma presença maior do governo nas mesas de negociação internacional. "Até 2018, vamos triplicar para 25 nosso quadro de adidos agrícolas", destacou, lembrando que hoje são oito.

O roteiro planejado inclui negociações para a costura de acordos em frentes como algodão, etanol, frutas e madeira, mas as carnes serão mesmo a prioridade e já deverão

dominar as discussões logo na primeira parada de Blairo. No dia 4 de setembro, o ministro estará na China para a cúpula do G-20, grupo das 20 maiores economias do mundo, acompanhando o presidente interino Michel Temer - evidentemente, se o afastamento da presidente Dilma Rousseff se tornar definitivo.

O ministro quer que a China habilite um número maior de frigoríficos brasileiros de carne bovina, suína e de frango para exportação ao gigante asiático. Há seis unidades de carne de frango e duas de carne suína à espera apenas do sinal verde final, uma vez que já cumpriram todos os requisitos necessários, conforme a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA).

Após a visita à China, Blairo irá à Coreia do Sul, onde as negociações para a abertura para carne suína brasileira já estão adiantadas. O governador Raimundo Colombo, de Santa Catarina, maior Estado produtor de carne suína do país, já se encontrou com autoridades coreanas em Seul para pavimentar o caminho para a abertura desse mercado, cujo potencial de compras é de 33 mil toneladas por ano.

O Estado foi um dos primeiros a obter, no ano passado, o status de livre da doença da peste suína clássica conferido pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE). "A Coreia do Sul é um mercado muito importante, e esse acordo que acabamos de fechar com os Estados Unidos vai ajudar muito a gente daqui para frente com os coreanos e os asiáticos em geral, porque foi uma sinalização de que o Brasil agora tem outro nível de segurança sanitária", afirmou o ministro.

O itinerário de Blairo Maggi também incluirá negociações para a abertura da Tailândia para as três carnes e para a farinha de aves, e de Myanmar para carne suína. No Vietnã, a ideia é buscar a habilitação de novos estabelecimentos para ampliar os embarques de carnes e negociar espaço para farinhas, bovinos vivos, material genético bovino e lácteos; na Malásia, o objetivo é habilitar frigoríficos de carnes em geral, abrir mercado para a carne bovina com osso e negociar espaço para material genético de aves e de bovinos vivos; e na Índia, é a venda de carne suína que também está na mira.

CNA defende maior acesso a mercados internacionais por meio de acordos bilaterais de comércio. – Site da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). 04/08/2016

“É preciso promover maior acesso a mercados internacionais dos produtos da agropecuária por meio da celebração de novos acordos comerciais, com redução de barreiras não tarifárias e reformulação do Mercosul”, afirmou o presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), João Martins, em audiência com o ministro das Relações Exteriores, José Serra, nesta quarta-feira, (03/08). Durante o encontro, o presidente da CNA entregou ao ministro documento, denominado “Prioridades da Agenda Internacional”, contendo as demandas do setor agropecuário para o comércio externo do país.

O Brasil, segundo João Martins, “não precisa e nem deve ficar preso às normas do Mercosul”, devendo buscar meios para formalizar acordos bilaterais de comércio. No documento entregue ao ministro José Serra, a CNA relembra que o setor agropecuário responde por 22% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro e por pelo menos 33% dos empregos gerados no país.

Mesmo assim, argumentou o presidente da CNA, embora o segmento lidere atualmente a economia brasileira, “vivemos num processo de constante modernização e enfrentamos cada vez mais novos concorrentes no mercado internacional”. Por isso, disse ele, a necessidade de uma atuação conjunta entre o setor privado e o governo para destravar pontos ainda pendentes como, por exemplo, a questão das licenças ambientais e dos agroquímicos.

Na opinião do presidente da CNA, o Brasil precisa “recuperar sua autonomia negociadora para responder com mais agilidade aos desafios do mercado internacional e às necessidades do setor privado para manter sua competitividade”. O documento entregue ao ministro José Serra destaca a força da agropecuária brasileira que, em 2015, exportou o equivalente a US\$ 88,2 bilhões, importou outros US\$ 13,0 bilhões, alcançando um superávit de US\$ 75,2 bilhões. Esse saldo, conforme João Martins, compensou o déficit de US\$ 55,4 bilhões dos demais setores da economia, no decorrer do ano passado.

Outro tema tratado durante o encontro foi a ampliação das formas de apoio à Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil). Para o vice-

presidente diretor da CNA e presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Rio Grande do Sul, Carlos Rivaci Sperotto, também presente ao encontro, é importante dar prioridade aos setores agropecuários apoiados pelos setoriais da Apex-Brasil. Os números da CNA indicam que, atualmente, os setores de alimentos, bebidas e agronegócio somam juntos apenas 25% dos projetos setoriais, “é importante adotar medidas que ampliem esse universo”, disse Sperotto.

Além do presidente da CNA e do vice-presidente diretor Carlos Sperotto, participaram da audiência o Superintendente Técnico, Bruno Lucchi, a Superintendente de Relações Internacionais, Aline Betânia de Oliveira, e o Secretário-Executivo do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), Daniel Carrara.

Brasil e Argentina anunciam intenção de trabalhar juntos para aumentar exportações. – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 05/08/2016

O ministro Blairo Maggi (Agricultura, Pecuária e Abastecimento) se reuniu com o colega argentino, Ricardo Buryaile, em Buenos Aires, para discutir uma extensa pauta de interesses do Brasil e da Argentina no setor do agronegócio. Eles concluíram que os dois países devem se unir para liderar o Mercosul e ampliar o espaço comercial no mundo. Também falaram sobre o aumento do comércio entre os dois mercados de produtos como citros, trigo, abacate, ovos férteis, mel, produtos lácteos e biotecnologia.

Após almoço de trabalho da delegação do Brasil com os representantes do Ministério de Agroindústria daquele país, nessa quinta-feira (4), Blairo Maggi fez uma apresentação sobre a conjuntura da agricultura brasileira a um grupo de empresários brasileiros e argentinos.

O ministro disse também que Brasil e Argentina são parceiros estratégicos, embora reconheça que existam algumas competições regionais, mas que devem ser tratadas de forma transparente e tranquila. Segundo Blairo Maggi, os dois países são grandes exportadores mundiais de alimentos e terão mais força nas negociações internacionais se atuarem de forma conjunta e coordenada.

“Nós somos parceiros e podemos andar juntos mundo afora fazendo o enfrentamento no mercado mundial”, afirmou Blairo Maggi. Na avaliação do ministro, os dois países devem liderar as negociações entre o Mercosul e a União Europeia, que se arrastam há anos, sem um avanço concreto.

Buryaile concorda com a posição de Blairo Maggi. O ministro argentino acrescentou que Brasil e Argentina são sócios estratégicos e a união dos dois países é uma necessidade. Ele destacou ainda que essa foi a primeira vez, nos últimos três anos, que um ministro da Agricultura brasileiro foi ao país para uma visita oficial.

De acordo com o ministro argentino, as questões fitossanitárias entre os dois países devem ser colocadas de forma clara. Ele rejeitou o uso de barreiras sanitárias para impedir a exportação de produtos agropecuários quando a questão é apenas política. Blairo Maggi disse que Brasil e Argentina deve ter uma relação clara, transparente e honesta. “Aquilo que pudermos aceitar um do outro, vamos dizer sim. O que não podemos aceitar, vamos dizer não. Tenho defendido muito essa postura política no Brasil.”

Os dois ministros devem se encontrar mais uma vez ainda este mês. Buryaile vai estar na abertura da Expointer, no próximo dia 29, no município de Esteio, no Rio Grande do Sul.

Aporte de fundos de venture capital em startups agrícolas recua. Bettina Barros – Site do Valor Econômico. 08/08/2016

Os investimentos dos fundos de venture capital em startups agrícolas e de alimentação tiveram queda de 20% no primeiro semestre deste ano na comparação com o mesmo período de 2015. O recuo, apontado pela americana AgFunder, uma plataforma online que reúne investimentos no segmento, ocorre na esteira da desaceleração geral de atuação desses fundos.

Conforme o levantamento, os aportes globais em agropecuária e alimentos atingiram US\$ 1,75 bilhão de janeiro a junho. Apesar da queda do montante no semestre, o número de negócios subiu para 307, alta de 7% na comparação. Ou seja, foram investidos volumes menores em mais projetos. Em todo o ano passado, os startups agrícolas receberam US\$ 4,6 bilhões, com destaque para as asiáticas.

"Esperávamos algum recuo em relação aos níveis recordes de investimentos registrados em 2015, já que o mercado de venture capital como um todo parecia menos estável", diz a Agtech. E-commerce de alimentos, biomateriais e bioquímicos, bem como tecnologias para solo, robótica/drones e agricultura de precisão lideraram os investimentos em venture capital no período. Mas a atenção dos fundos começa a chegar a segmentos até então pouco contemplados, como tecnologias para irrigação e agricultura em estufa.

Ao contrário do ano passado, as startups asiáticas não predominaram nesta primeira metade do ano. Os três maiores negócios agrícolas mantiveram-se em solo indiano, chinês e japonês, mas cresceram os "deals" com empresas de Canadá, Alemanha, França, Austrália, Reino Unido e, claro, dos EUA. Dentre as americanas, a maioria esmagadora dos investimentos de fundos de venture capital continua fluindo para a Califórnia, berço do empreendedorismo.

Uma explicação para a perda de posição da Ásia em 2016 é possivelmente a desaceleração da economia chinesa, assim como o fracasso de algumas startups ligadas ao segmento de "food service". A AgFunder estima que os aportes em startups de agropecuária e alimentação fechem 2016 com investimentos de US\$ 3,6 bilhões.

No Brasil ainda não há dados específicos sobre o setor, embora o crescimento do interesse em startups agrícolas seja perceptível. Um censo liderado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP) pretende fechar a lacuna até o fim deste mês. Até sexta-feira, 45 startups haviam respondido o questionário, diz José Tomé, co-fundador da CanaTec Coworking, em Piracicaba, e idealizador do censo ao lado de Mateus Mondin, da Esalq.

"Notamos que as startups brasileiras do agronegócio são embrionárias. A maioria nasceu a partir de 2014 e cerca de 70% ainda não faturam", diz Tomé. Segundo Mondin, é preciso conhecer essas empresas para identificar caminhos que permitam acesso ao capital inicial e ao primeiro cliente, de forma a alavancar o faturamento.

Exportações do agronegócio somam US\$ 52,8 bilhões no acumulado do ano. – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 08/08/2016

As vendas externas brasileiras do agronegócio chegaram a US\$ 52,8 bilhões entre janeiro e julho de 2016, o que representou crescimento de quase 1% em relação ao mesmo período de 2015. Já as importações apresentaram queda de quase 12% nos valores, atingindo US\$ 7,24 bilhões. Assim, o saldo comercial do setor ficou positivo em US\$ 45,58 bilhões. O setor representou 49,6% das exportações totais do país nesses sete meses. Os dados foram divulgados nesta segunda-feira (8) pela Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio (SRI) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

As exportações brasileiras do agronegócio diminuíram de US\$ 9,11 bilhões em julho de 2015 para US\$ 7,81 bilhões em julho de 2016. Esses números indicam uma queda de US\$ 1,3 bilhão na comparação entre julho de 2015 e 2016 ou -14,2%. As importações, por sua vez, decresceram de US\$ 1,15 bilhão em julho de 2015 para US\$ 1,14 bilhão em julho de 2016. Uma redução percentual de -0,6%.

Os cinco principais setores exportadores do agronegócio em julho de 2016 foram complexo soja (39% do total das exportações); carnes (15,1%; complexo sucroalcooleiro (15,0%); produtos florestais (10,7%); e café (4,1%). Esses cinco setores foram responsáveis por 83,8% das exportações do agronegócio em julho de 2016.

A queda internacional dos preços de vários produtos exportados pelo Brasil, como por exemplo, carne suína (- 21%), bovina (- 12,6%), frango (- 3,4%), celulose (- 15%), suco de laranja (- 8,6%), e também a diminuição das quantidades exportadas no mês foram fundamentais para explicar o recuo dos valores exportados pelo Brasil.

Outros produtos apresentaram aumento do preço médio no mesmo período comparado, como o açúcar (18%); o complexo soja, com destaque para a soja em grãos (+9,7%) e farelo de soja (+7,6%); frutas (+8,6%) e milho (+3,5%).

Com tarifas de importação acima de 400%, Japão dificulta exportações brasileiras de produtos agroindustriais. – Site da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). 08/08/2016

Quarto maior importador mundial de alimentos, o Japão é considerado um potencial mercado para os produtos do agronegócio brasileiro. No entanto, as escaladas tarifárias

impostas pelo país asiático, mecanismo no qual as alíquotas sobre itens industrializados são expressivamente superiores às aquelas aplicadas sobre as matérias-primas para proteger a produção local, dificultam ainda mais a entrada principalmente dos produtos agroindustriais, que possuem maior valor agregado. Esta diferença chega a superar de 200 a 400% para derivados de café, cereais e amendoim descascado, entre outros.

A conclusão faz parte de um estudo da Superintendência de Relações Internacionais da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), que mapeou as escaladas tarifárias adotadas pelo Japão a 23 produtos brasileiros, analisando desde a matéria-prima até o produto processado. Nesta relação, o comércio de matérias-primas entre os dois países foi de 95,6% do total da pauta, enquanto apenas 4,4% envolveram os industrializados. Detalhe: os japoneses importaram matérias-primas com alíquota zero do Brasil, enquanto o comércio de itens agroindústrias derivados destes insumos é irrisório ou nulo, inclusive de derivados com expressiva participação brasileira no comércio mundial.

O estudo constatou, também, que o embarque de insumos do Brasil para o Japão supera em 560 vezes o de produtos agroindustriais. Além das altas tarifas impostas, o Japão possui 15 acordos comerciais, que podem ser ampliados com a conclusão da Parceria Transpacífico, que inclui mais 12 países e está em fase de ratificação, e de um acordo com a União Europeia. Desta forma, a CNA defende um acordo de livre comércio com o país asiático para aumentar o acesso de produtos do agronegócio. “Além de ampliar exportações, tal acordo permitiria que as complementariedades entre os dois países se ampliassem ainda mais, trazendo novos benefícios para as economias e sociedades brasileira e japonesa”, justifica o estudo.

Hoje, os produtos brasileiros mais afetados pelas escaladas japonesas são o café, cereais e oleaginosas. No caso do café, as maiores altas são para preparações à base de extratos, com taxa de 239%. Para outros produtos, como café solúvel e derivados, as escaladas não são maiores por conta do Sistema Geral de Preferências (SGP), que permite alíquotas diferenciadas para alguns produtos. Os acordos entre Japão e países vizinhos, como Malásia, Tailândia e Vietnã, concorrentes do Brasil na exportação de café, também potencializam o problema e afetam a competitividade brasileira.

Na parte de oleaginosas, os amendoins com casca e o descascado são os que têm as tarifas mais altas, de 465,88% e 409,38%, respectivamente. Apesar de o Brasil exportar um terço

da sua produção e o Japão importar a maior parte do que consome, as escaladas impedem que o produto brasileiro entre no mercado japonês em grandes volumes. Além deste fator, as barreiras sanitárias são outro agravante. Na parte de cereais, o trigo duro e com misturas enfrentam alíquotas que chegam a 180%. Já os derivados do milho, como preparos para alimentação infantil e pastas para preparação de pães sofrem com percentuais de 190% e 470%, respectivamente.

CRA cambial avança no Senado e inclui opção a investidor brasileiro. Cristiano Zaia – Site do Valor Econômico. 10/08/2016

Numa corrida contra o tempo para tentar aprovar a proposta até o prazo final de 7 de setembro, o relator da Medida Provisória 725, o senador Ronaldo Caiado (DEM-GO), decidiu não só permitir a emissão de certificados de recebíveis do agronegócio (CRA) e de certificados de depósito agropecuário (CDCA) com correção cambial, como também resolveu estender essa alternativa a investidores brasileiros qualificados - com aplicações acima de R\$ 1 milhão.

A proposta é que esses títulos poderão agora ser emitidos com cláusulas de correção por moeda estrangeira e haverá isenção de imposto de renda sobre a eventual variação cambial que ocorrer durante o período do investimento por estrangeiros ou por fundos internacionais, que deve ser de no mínimo três anos.

Apenas o CRA em dólar, caso seja confirmado pela aprovação da medida, poderá atrair cerca de R\$ 3 bilhões em investimentos estrangeiros, de acordo com estimativas do setor de agronegócio. A medida interessa sobretudo a empresas e produtores de commodities agrícolas, como soja, milho e algodão.

O relatório de Caiado foi conhecido ontem e a comissão especial de parlamentares até chegou a se reunir para debater a proposta e tentar votá-la. Mas o próprio senador e outros colegas da Casa faltaram à sessão para votar, no plenário, se a presidente afastada deve ser julgada por crime de responsabilidade, em mais uma fase do processo de impeachment.

Hoje, deputados e senadores devem voltar a apreciar a medida, que ainda precisa ser votada na própria comissão e pelos plenários da Câmara e do Senado. A medida provisória,

entretanto, foi editada em maio, ainda pela então presidente Dilma, em resposta a uma demanda do setor de agronegócio, que vem pressionando o governo desde o ano passado para mudar a regulamentação desses títulos como alternativa ao financiamento tradicional do crédito rural.

Pelo parecer de Caiado, investidores "não residentes" no Brasil poderão aplicar nesses dois certificados desde que esses papéis sejam lastreados em moeda estrangeira - dólar por exemplo - e contenham cláusulas de correção na mesma divisa.

Segundo a nova versão da medida, também caberá ao Conselho Monetário Nacional (CMN) regulamentar as regras específicas como prazos mínimos e máximos para emissão e resgate, além de critérios de elegibilidade dos direitos creditórios que poderão ser vinculados a cada título e as condições diferenciadas, de acordo com o tipo de indexador adotado em contrato.

A novidade no texto do senador goiano -que contou com grande negociação entre os ministérios da Fazenda, da Agricultura e do Banco Central, parlamentares e empresários do segmento agropecuário- foi permitir que investidores brasileiros também apliquem nesses papéis, conforme critério de investidor qualificado que precisa obedecer a regras estipuladas pela Comissão Valores Mobiliários (CVM).

O Valor apurou que nas negociações conduzidas pelo governo do presidente interino Michel Temer nas últimas semanas, o BC não havia concordado em abrir a possibilidade de correção cambial para investidores brasileiros, com o receio de excesso de dolarização da economia. Porém, o próprio senador Caiado descartou que haja esse risco, uma vez que se trata de uma exceção já permitida pela legislação.

"Assim o uso de cláusula de correção cambial como indexador de contratos no país continua com uso restrito desde a implementação do Plano Real, como forma para combater a dolarização da economia brasileira e fortalecer a moeda nacional", acrescenta Caiado, no relatório.

A MP também prevê que as Cédulas do Produtor Rural (CPR), que na prática são usadas como lastro para as emissões de CRA e de CDCA, também tenham cláusula de correção cambial.

Outro ponto da MP já causa polêmica nos bastidores do mercado de capitais, uma vez que passa a dispensar o registro obrigatório desses títulos em sistemas de registro e

liquidação financeira de ativos autorizado pelo BC, como a Cetip. O relatório, porém, não deixa claro quais outros agentes de mercado substituiriam essa função ou se ela caberia a cartórios, por exemplo.

Blairo recebe proposta para atrair recursos internacionais para financiar a conservação em propriedades. – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 11/08/2016

O ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Blairo Maggi, se reuniu nesta quinta-feira (11) com representantes dos fóruns de debate ambiental Coalizão Brasil Clima, Floresta e Agricultura e o Observatório do Clima para discutir propostas de oportunidade de atração de recursos internacionais para investimentos em conservação em propriedades rurais brasileiras.

A proposta é que o Brasil abra espaço para negociação com governos e organismos internacionais para receber recursos que viabilizem financeiramente os compromissos ambientais assumidos durante a COP 21 (Conferência do Clima), realizada em dezembro do ano passado, em Paris.

Também participaram da reunião o diretor-executivo do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM), Andre Guimaraes; o diretor-executivo da Environmental Defense Fund (EDF), Steve Schwartzman; o diretor-executivo da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG), Luiz Cornachione; o diretor-executivo da Biofílica, Plínio Ribeiro; o representante da Advogado da Lopes Associados, Ludovino Lopes; e o diretor da Sociedade Rural Brasileira (SRB), Marcelo Vieira.

Representando o Mapa, além do ministro Blairo Maggi, participaram da reunião o secretário-executivo, Eumar Novacki; o secretário de Relações Internacionais do Agronegócio, Odilson Ribeiro e Silva e o assessor especial João Campari.

Presidente da CNA recebe o futuro embaixador do Brasil na Argentina e analisa o Mercosul. – Site da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil. 12/08/2016

O presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), João Martins, recebeu nesta quinta-feira (11), em seu gabinete, o diplomata indicado para a embaixada do Brasil na Argentina, Sérgio França Danese. Durante o encontro foram conversados vários assuntos de interesse da agropecuária brasileira, em particular as negociações dos países integrantes do Mercosul com a União Europeia (UE), na busca de um acordo de livre comércio, além de temas de interesse das relações bilaterais entre o Brasil e a Argentina.

João Martins e o embaixador Sérgio Danese falaram sobre pontos das relações comerciais do Brasil com a Argentina, além de assuntos específicos referentes à negociação dos países do Mercosul com a UE. As exportações do agronegócio brasileiro para a Argentina alcançaram, em 2015, US\$ 1 bilhão, com destaque para produtos como papel, café verde, manteiga, gordura e óleo de cacau, celulose e tecidos de algodão.

Já os produtos do agronegócio da Argentina mais importados pelo Brasil, no ano passado, foram: trigo, malte, batata preparada, cevada e celulose. O futuro embaixador do Brasil na Argentina fez questão de dizer ao presidente da CNA que, nesse primeiro encontro, veio se apresentar e mostrar sua disposição de colaborar com a entidade que lidera a agropecuária brasileira.

Seminário na CNA debate vazio sanitário da soja para manejo da ferrugem asiática. – Site da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil. 12/08/2016

A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) sediou, entre os dias 11 e 12/08, o seminário “Vazio Sanitário da Soja para Manejo da Ferrugem Asiática”. Realizado pelo Departamento de Sanidade Vegetal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), o evento debate compromissos do setor produtivo no combate

a essa doença e o uso do vazio sanitário, período de ausência de plantas vivas nas lavouras, como recurso para diminuir a incidência de casos da ferrugem asiática.

Nos dois dias de evento, representantes do setor produtivo, pesquisadores e órgãos de regulamentação e fiscalização da agricultura participaram de painéis e palestras. Participam do evento representantes da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Soja), Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef), Fundação MT, Associação dos Produtores de Soja e Milho do estado de Mato Grosso (Aprosoja) e Associação Brasileira dos Produtores de Sementes de Soja (Abrass).

Preocupados com a alta disseminação do fungo da ferrugem asiática (*Phakopsora pachyrhizi*), uma das doenças de maior gravidade para a cultura na atualidade, pelo grande potencial de perdas na produção, os especialistas debatem no seminário a necessidade de regras mais rigorosas e uma política regional em relação o vazio sanitário. Segundo dados do Mapa, com exceção de Roraima, todos os Estados que possuem cultivo de soja já foram atingidos pela doença, envolvendo uma área de 22 milhões de hectares, causando prejuízo de US\$ 2 bilhões de dólares em perdas.

Conforme os especialistas, a ação da doença pode comprometer a produção de alimentos em grande escala para atender a população mundial, cada vez maior. Para eles, é preciso intensificar os cultivos, qualificar o setor produtivo e aumentar a produtividade. Na opinião dos técnicos, no Brasil, têm-se verificado períodos cada vez mais curtos de ausência de lavouras, especialmente nas regiões com uso de irrigação.

Em cumprimento as regras estaduais, no período estabelecido pelo vazio sanitário, todas as espécies voluntárias, hospedeiras de pragas-alvo e doenças devem ser destruídas mediante o uso de produtos químicos ou métodos físicos, como a utilização de grade. Atualmente, os estados do Tocantins, Maranhão, Pará, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Paraná, Minas Gerais, Rondônia, São Paulo e o Distrito Federal adotam o regime de vazio sanitário regulamentado. Os agricultores que não cumprem o vazio sanitário estão sujeitos a penalidades.

Originária da Ásia, a doença tem grande importância na cultura atualmente pelo potencial de perdas na produtividade. No Brasil, a doença foi detectada no final da safra de 2000/2001, no estado do Paraná, e vem aumentando sua área de ocorrência a cada ano, disseminando-se rapidamente para outros Estados do Brasil. Na safra 2002, foi relatada nos Estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rio Grande do

Sul, Santa Catarina e São Paulo, e na safra 2003/04 ocorreu de forma generalizada, em quase todo o país, causando prejuízos consideráveis em várias regiões produtoras. É atualmente um dos maiores problemas da cultura na região dos cerrados Brasileiros.

UE ameaça barrar importação de cítricos do País. Gustavo Porto – Site O Estado de São Paulo. 17/08/2016

A União Europeia (UE) ameaçou embargar as importações de frutas cítricas brasileiras após rechaçar oito contêineres com limão este ano. As cargas de limão tahiti continham frutas com cancro cítrico. Elas foram embarcadas em Santos (SP) e entrariam no bloco econômico pela Inglaterra. A doença, uma das principais da citricultura, é comum no Estado de São Paulo, mas não existe na Europa e é considerada uma ameaça à produção do continente, principalmente na Espanha e na Itália, maiores produtores locais de laranja e tangerina.

As exportações de limão tahiti praticamente dominam as vendas externas de frutas cítricas frescas do Brasil e a União Europeia é o principal mercado brasileiro. Entre janeiro e julho deste ano, as exportações de limão movimentaram 68,58 mil toneladas e US\$ 64,15 milhões. Essas cifras representam 84% do volume total de 81,70 mil toneladas de todos os citros comercializados e 93% do faturamento, de US\$ 68,73 milhões no período. Para a UE, foram exportadas 60,45 mil toneladas de limão tahiti, com uma receita de US\$ 57,24 milhões nos primeiros sete meses de 2016.

Após a comunicação oficial das autoridades sanitárias do bloco econômico europeu e depois de uma teleconferência com representantes do Ministério da Agricultura, técnicos da pasta e da Secretaria de Agricultura de São Paulo enquadraram produtores do interior do Estado. Na semana passada, equipes dos dois governos fizeram ações de rastreabilidade das frutas e de fiscalização nas chamadas “packing houses”, que são armazéns usados entre a colheita e a exportação dos citros.

O Broadcast, sistema de notícias em tempo real do Grupo Estado, apurou que, por causa dos preços remuneradores pela venda do limão tahiti na União Europeia, produtores se descuidaram da questão sanitária nas exportações e enviaram frutas já com sinais iniciais de cancro como, por exemplo, lesões nas cascas.

“Pelas fotos que nos mandaram fica claro que o fruto já saiu daqui com cancro. Houve uma precipitação por conta do preço do limão e não houve o cumprimento das regras”, disse uma fonte do Ministério da Agricultura.

Já o superintendente federal da Agricultura em São Paulo, Francisco Jardim, afirmou que o número de cargas exportadas rechaçadas – oito contêineres entre 1.058 enviados desde o início do ano – pode parecer pequeno, mas supera em muito o limite tolerável pela União Europeia, de até cinco cargas rejeitadas por ano. “Não pode ter rechaço se o sistema funcionar direito e não foi isso que aconteceu”, alertou Jardim.

De acordo com o superintendente do Ministério da Agricultura no Estado, assim que houve a comunicação por parte da União Europeia, foi feita uma reunião prévia com os exportadores, a qual antecedeu as vistorias feitas nas packing houses. “Alguma coisa está errada e, por isso, estamos auditando todo o processo”, afirmou Francisco Jardim.

Segundo o superintendente, com o rastreamento, será possível identificar responsáveis técnicos. “Vamos chamá-los para conversar e, se for o caso, podemos até retirar a autorização para a exportação”, concluiu.

Presidente do Grupo Agrocere afirma liderança do Brasil no agro mundial. – Site da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG). 17/08/2016

Durante o 15º Congresso Brasileiro do Agronegócio, o presidente Executivo do Grupo Agrocere (Patos de Minas/MG), Marcelo Ribeiral, comentou a participação do Brasil no agronegócio mundial. Realizado na segunda-feira (08), em São Paulo (SP), a edição reuniu as lideranças do setor público e da iniciativa privada com o objetivo de discutir o agronegócio brasileiro, além de sugerir alternativas para torná-lo cada vez mais competitivo.

No evento, de realização da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag, São Paulo/SP), Ribeiral ressaltou que hoje o Brasil é líder e protagonista no agronegócio mundial, e que o agronegócio é líder e protagonista na economia brasileira. Segundo o executivo, é preciso dedicar alguns momentos para celebrar as conquistas, mas é preciso estar ciente

de que ainda existem sérios problemas a serem resolvidos. “Além dos problemas políticos e regulatórios que dificultam todos os setores da economia brasileira, temos gargalos nas áreas de infraestrutura, de defesa sanitária, de financiamento agrícola e de comércio exterior que dificultam particularmente a competitividade do nosso setor. É para apresentar alternativas para estes problemas que a Agroceres apoia iniciativas como o Congresso Anual da Abag”, destaca.

A Agroceres ressalta a parceria com a Abag desde a sua fundação. O ex-presidente do grupo Agroceres, Ney Bittencourt de Araujo, liderou a criação da Abag e foi presidente da entidade no início dos anos 90. Hoje, Urbano Campos Ribeiral, Presidente do conselho da companhia, atua também como diretor da associação.

“Acreditamos que o congresso da Abag é um dos principais eventos do agronegócio brasileiro. Seu sucesso pode ser medido pelo sucesso alcançado pelo nosso agronegócio desde o início de sua realização”, pontua Ribeiral.

Blairo recebe proposta para atrair recursos internacionais à conservação nas fazendas. – Site da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG). 17/08/2016

O ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Blairo Maggi, se reuniu na última quinta-feira (11) com representantes dos fóruns de debate ambiental Coalizão Brasil Clima, Floresta e Agricultura e o Observatório do Clima para discutir propostas de oportunidade de atração de recursos internacionais para investimentos em conservação em propriedades rurais brasileiras. A proposta é que o Brasil abra espaço para negociação com governos e organismos internacionais para receber recursos que compensem os países para viabilizar economicamente os compromissos financeiros assumidos durante a COP 21 (Conferência do Clima), realizada em dezembro do ano passado, em Paris. Também participaram da reunião o diretor-executivo do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM), o diretor-executivo da Environmental Defense Fund (EDF), o diretor-executivo da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG), o diretor-executivo da Biofílica, o representante da Advogado da Lopes Associados, e o diretor da Sociedade Rural Brasileira (SRB)

Cofco assume 100% da Nidera e amplia operações agrícolas. Fernando Lopes e Bettina Barros – Site O Valor Econômico. 24/08/2016

A estatal chinesa Cofco Corporation, uma das maiores empresas de alimentos do país asiático, deu ontem aquele que pode ser considerado o último passo da primeira fase de sua agressiva expansão no mercado global de comercialização de commodities agrícolas.

Em comunicado, a companhia anunciou que, por meio da subsidiária Cofco International, adquiriu a fatia de 35% que ainda não tinha na trading holandesa Nidera, que mantém operações diretas em 19 países e cujas vendas somaram US\$ 18,5 bilhões no ano passado.

Quando a transação receber o aval dos órgãos antitruste da China e de outros países que acharem por bem avaliá-la, o que deverá demorar até seis meses, a Nidera será integrada à Cofco Agri, filial da Cofco International que cresceu a partir da aquisição da divisão agrícola do grupo asiático Noble e faturou US\$ 16,9 bilhões em 2015.

Esse plano começou a ser executado em 2014, quando a Cofco investiu quase US\$ 3 bilhões e comprou participações de 51% tanto no braço agrícola da Noble quanto na Nidera. Os chineses não confirmam, mas é natural calcular que, para abocanhar as fatias restantes de ambas, o aporte total novamente se aproximou dos US\$ 3 bilhões.

Se de fato for autorizada pelos órgãos reguladores a absorver a Nidera, essa "nova" Cofco Agri de US\$ 35 bilhões em vendas totais terá operações diretas em dezenas de países e cerca de 14 mil funcionários no total. Assim, resumiu em comunicado Patrick Yu, presidente da Cofco, será um marco no processo de fortalecimento da subsidiária controlada pela Cofco International como uma companhia de agronegócios de "classe global".

E, como não poderia deixar de ser nesse mercado, essa categoria não seria alcançada sem uma forte presença no Brasil, que concentrará em torno de 7 mil funcionários do total previsto e a partir de onde Cofco Agri e Nidera exportaram, no total, pouco menos de US\$ 5 bilhões em 2015, segundo estimativas de fontes da área.

"O país será, certamente, a principal origem das exportações da 'nova' Cofco Agri. Considerados só grãos e oleaginosas, a Argentina é até maior, mas do Brasil a Cofco Agri também exporta muito açúcar, que foi uma das heranças da Noble", afirmou um especialista. Também em comunicado, a Cofco Corporation informou que a Cofco Agri vendeu a seus clientes, no ano passado, 47 milhões de toneladas de produtos em geral.

Em entrevista ao Valor em abril deste ano, o americano Matt Jansen, CEO global da Noble Agri, não fez mistério em relação à estratégia da companhia: o foco está na originação de matérias-primas, principalmente soja, para abastecer principalmente a grande demanda da China, que lidera as importações globais do grão.

"Mas não temos o compromisso de originar todo o volume processado pelas [seis] unidades de esmagamento da Cofco na China. Se valer a pena, podemos ir a mercado, até porque temos outros acionistas e a obrigação de gerar retorno, como outra empresa qualquer", disse o executivo na ocasião.

Os investimentos do conglomerado chinês para a aquisição dos controles da divisão agrícola da Noble e da Nidera foram liderados pela Cofco International, mas também incluíram contribuições de um consórcio formado por Hopu Investment, Temasek, Standard Chartered Private Equity e IFC (braço do Banco Mundial).

E, segundo apurou o Valor, a expansão vai continuar. No momento, a Agri prospecta oportunidades no Brasil e Argentina em logística.

Brasil, Argentina e Uruguai querem maior valor agregado nas exportações. – Site da Confederação da Agricultura e Pecuária no Brasil (CNA). 28/08/2016

O Brasil, a Argentina e o Uruguai pretendem agregar mais valor às exportações dos três países. Esse foi o encaminhamento da reunião entre os ministros da Agricultura do Brasil, Blairo Maggi; da Argentina, Ricardo Buryaile; e do Uruguai, Tabaré Aguerre, e o presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), João Martins. O encontro ocorreu neste domingo (28/08), durante a 39ª Expointer.

Além de aumentar o valor agregado nos produtos, a ideia é ampliar a cooperação para elevar as exportações, principalmente para a China. Na avaliação do ministro da

Agroindústria da Argentina, Ricardo Buryaile, os três países já são grandes exportadores de commodities e, coordenados, poderão acessar novos mercados e exportar ainda mais. Também participaram do evento o presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (FARSUL), Carlos Sperotto, e o governador do Rio Grande do Sul, Ivo Sartori.

Durante o dia, João Martins, acompanhado do secretário executivo do SENAR, Daniel Carrara, e de presidentes de Federações da Agricultura de diversos estados visitaram espaços do SENAR e as FARSUL no parque de Exposições Assis Brasil, como o Salão do Empreendedor Rural. À noite, o presidente da CNA será homenageado como destaque nacional no Troféu SENAR/O Sul.

A programação de amanhã (29/8) prevê uma reunião com presidentes de Federações da Agricultura e superintendentes do SENAR. João Martins também vai acompanhar o encerramento da reunião da Comissão Nacional de Pecuária de Corte da CNA e participará de uma reunião com associações de criadores de raças bovinas.

Basf aposta em startups agrícolas na América Latina. Bettina Barros – Site O Valor Econômico. 29/08/2016

A onda de investimentos em startups do agronegócio por parte de grandes indústrias do setor começa a tomar forma no Brasil. A alemã Basf é a mais recente a anunciar um programa de aceleração de inovação para o campo, focado em empreendedores, menos de dois meses depois de a Monsanto lançar programa similar por aqui. Ambas já investem em startups no exterior, sobretudo nos EUA e na Europa.

Com o AgroStart, a Basf pretende aprofundar no Brasil uma das tendências mais apostadas nos últimos anos pela indústria agroquímica, na tentativa de ganhar agilidade na descoberta de soluções e diminuir custos através da co-criação de ferramentas digitais voltadas ao produtor. O país é um dos seus mais importantes mercados de venda.

De acordo com a companhia, o apoio a startups contemplará todo o processo necessário para que a empresa possa validar e escalar o seu negócio no mercado agrícola em um prazo de até seis meses.

Nesta primeira rodada, três empresas serão escolhidas, levando-se em consideração o potencial da solução apresentada para uma das cinco grandes áreas em que a Basf pretende intensificar esforços — agricultura de precisão, automação, gestão de estoques, gestão de lavoura e rastreabilidade.

A chamada de mercado a interessados foi aberta hoje e se estende até 18 de setembro.

“Enxergamos na inovação aberta a solução para encontrarmos respostas aos desafios presentes no campo e entendemos que o processo de co-criação é uma das mais ricas fontes de diferenciação para as empresas”, disse ao Valor Fábio Del Cistia, vice-presidente de Marketing da Basf para Proteção de Cultivos na América Latina.

Conforme o executivo, os selecionados serão acelerados — ou seja, receberão suporte metodológico, treinamento de gestão, expertise e relacionamento com stakeholders — pela ACE, que já trabalhou com mais de 70 startups desde 2012. Apesar de o treinamento ocorrer em São Paulo, a oportunidade contemplará empreendedores de toda a América Latina.

As empresas escolhidas receberão aporte mínimo de R\$ 150 mil, não havendo um teto declarado — cada solução demandará um investimento próprio, segundo a Basf.

Ao final do programa AgroStart, a Basf avaliará oportunidades de investimento nos projetos mais bem-sucedidos, por meio de seu fundo próprio, Basf Venture Capital. O empreendedor também terá a possibilidade de estabelecer parcerias com a múlti em busca de funding, compra ou distribuição de seus produtos ou serviços, além de poder expandir seu negócio para até 20 países.

No mesmo caminho, a Monsanto anunciou no início de julho que passará a integrar um fundo especializado em startups brasileiras com o intuito de acelerar a inovação na agricultura brasileira e dentro da própria empresa.

Segundo Mateus Barros, líder comercial da Climate Corp. para a América do Sul, a companhia atuará como um quotista-âncora para soluções em agricultura em um fundo criado pela Microsoft Participações em conjunto com outras empresas e instituições públicas. “Estamos olhando para soluções digitais em agricultura para complementar a nossa estratégia na Climate”, disse ele ao Valor. “Essa é uma tendência que acreditamos. Apenas no Vale do Silício há mais de 500 startups focadas apenas em agricultura”.

Serão investidos de R\$ 250 mil a R\$ 1,5 milhão por startup selecionada. O recrutamento foi encerrado na quinta-feira passada, com 25 empreendedores inscritos. As startups escolhidas pela Monsanto serão aceleradas pela Acelera Partners.

A Monsanto já investiu em 13 startups globalmente através da Monsanto Growth Venture.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Armando Fornazier, Catia Grisa, Claudia Job Schmitt,
Fábio Luiz Búrigo, Georges Flexor, Jorge Romano,
Karina Kato, Lauro Mattei, Leonilde Medeiros,
Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf,
Silvia Zimmermann, Valdemar João Wesz Junior

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto

Secretária

Diva de Faria



cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 - r. 214

Fax: 21 2224 8577 - r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa